

Ortopedia em situação crítica

MARCELO ARAÚJO

DA EQUIPE DO CORREIO

Carlos Vieira

Por dois dias consecutivos, o motorista Antônio Moraes Soares, 39 anos, saiu de Santo Antônio do Descoberto, em Goiás, em busca de atendimento no Hospital de Base do Distrito Federal. Não conseguiu consulta. Um defeito no aparelho de raio X do Pronto-Socorro paralisou o setor de Ortopedia, segunda-feira e ontem, e deixou centenas de pacientes, como Antônio, sem assistência.

“Na segunda-feira me mandaram para Taguatinga, onde não consegui ser atendido. Agora disseram para ir a Sobradinho”, contou o motorista. Com o braço direito fraturado, Antônio se queixava de fortes dores. “Desisti. Estou cansado demais para pegar outro ônibus, para tão longe da minha casa, sem nem saber se vou conseguir atendimento.”

O defeito no aparelho do Pronto-Socorro agravou um problema já antigo. Há 15 dias, outros dois equipamentos de radiografia do Ambulatório do hospital quebraram. Apenas um continua em funcionamento. Referência no atendimento de politraumatizados, o HBDF passou a atender só os pacientes em estado grave. Os demais foram encaminhados aos Hospitais Regionais do Gama, Ceilândia, Taguatinga e Sobradinho.

O aparelho de raio X do Pronto-Socorro tira mais de mil chapas por dia e atende de 700 a 800 pacientes. A perspectiva da direção do hospital é que ele volte a funcionar ainda hoje. Os dois equipamentos do Ambulatório precisam de peças importadas. A compra pode demorar até 60 dias. Para atender os casos mais graves, os ortopedistas utilizaram um equipamento de Raio X portátil — com capacidade reduzida — e passaram a usar o único aparelho do Ambulatório nas emergências.

Com o Ambulatório transformado em Pronto-Socorro, o setor ficou superlotado. Muitos pacientes com consulta marcada passaram pelo transtorno de pro-

curar outro hospital ou voltar para casa. Com fortes dores no braço esquerdo engessado, o servente Erimar José Damasceno, 18, suportou uma viagem de uma hora e meia de ônibus, de Formosa (GO), para uma consulta de acompanhamento. No HBDF, foi mandado para o Hospital Regional do Gama. Erimar preferiu voltar para casa a enfrentar mais uma viagem de ônibus de pelo menos 50 minutos. “Quero ser atendido pelo médico que vem me acompanhando”, disse.

Por meio da assessoria de comunicação, a direção do Hospital de Base admitiu a quebra dos aparelhos. E explicou que, nas cirurgias, pacientes em estado mais

grave têm prioridade. Com o problema da lotação, outras operações têm de esperar. A direção recomenda que esses pacientes procurem os postos de saúde e os hospitais regionais.

Sem maca

Ontem, o garoto Willian Borges, 13, foi levado ao Hospital de Base pela ambulância do Corpo de Bombeiros com suspeita de fratura na clavícula. Mas não recebeu atendimento. Foi encaminhado ao Hospital Regional de Sobradinho, mas a agonia não terminou. A ambulância ficou parada por mais de três horas. Não havia maca no hospital e os médicos precisaram usar a única

que os bombeiros tinham na viatura. A Assessoria de Comunicação da Secretaria de Saúde informou que não é comum a falta de macas, mas pode acontecer eventualmente.

No Hospital de Base, o aposentado Wilson Francisco de Oliveira, 35 anos, chamou a atenção entre tantas pessoas que reclamavam do atendimento. Com um nervo atrofiado no braço direito desde que levou um tiro em 1990, Wilson disse que há alguns meses os pinos que ajudam na sustentação dos movimentos do membro começaram a se soltar. Segundo o aposentado, a cirurgia foi marcada várias vezes, mas terminou

cancelada. “Sempre que venho espero horas e acabam me mandando voltar em outro dia”, queixou-se. “Tenho medo de perder o meu braço”, disse ele, que conseguiu agendar nova data para o dia 7 de junho.

Apesar de bem mais simples, o problema da estudante Ana Evangelista, 21, também não pôde ser resolvido. Moradora de São Sebastião, ela foi ao Hospital de Base em busca de um atestado. Com o braço direito quebrado, está impossibilitada de fazer as provas na escola onde estuda. “Explicaram que o médico estava em uma cirurgia e que não seria possível falar com ele. Até lá, vou tirar zero em todas as provas.”



O SERVENTE ERIMAR DAMASCENO ENFRENTOU UMA HORA E MEIA DE VIAGEM DE ÔNIBUS, COM FORTES DORES NO BRAÇO, MAS NÃO FOI ATENDIDO